

livros

POR LUIZ PACHECO

UM ROMANCE SINGULAR
snobíssimo

Amigo comum (comum de nós dois, eu e o Autor) tinha-me alertado: «É o primeiro livro do Pires na 1.ª pessoa! Foi logo ver, naturalmente curioso, excitado. A bisbilhotice (como uma destas) é humana, demasiado humana, para não merecer perdão, pelo menos compaixão. Conhecendo de perto o original, somos levados a indagar como ele se retrata em escritura literária, se protagoniza, portanto se inventa. E assim, também, se autoriza a intervir no mundo da sua própria fantasia, por entre personagens, as outras, cuja génese está (deve estar) ainda (sempre) nele. Isto é: arroga-se, crê (ou consegue fazer crer) que a sua figura de carne e osso é dotada de exemplaridade necessária, mítica, para contracenar com as tais outras e que esse subtil jogo atinge um resultado estético. Situação ambígua! Situação excelente mais que todas para de face ou por invios atalhos, chegarmos ao cerne da sua intimidade, ao laboratório da sua criação!

Mas o mensageiro não merecia alvissara. A leitura de **O DELFIM** desiludiu-me. A 1.ª pessoa (do singular) é ali um expediente narrativo. Meramente. O Autor — personagem de **O DELFIM** de José Cardoso Pires, já em 2.ª edição, (1) inequivocamente identificado com este em nota de rodapé (a pág. 162), como ele escritor, perpassa pelo romance tão esfumado como a maioria dos seus comparsas de folhetim. É um quase fantasma. Não cataliza em nada a acção. Assiste, memória, relação, anota, comenta levemente numa devassa despreocupada, sem causalidade vital... dir-se-ia que apenas ambiciona entreter horas de insónia até que rompa a manhã; ou venha o sono.

Concretizando: **devassa** — o romance está vazado na fórmula, banal entre os policiais, de inquérito detectivesco, aqui

amador e fortuito bem entendido. No que imita muitas obras contemporâneas, afez das inegáveis virtudes do género; **despreocupada** — se o personagem Autor não interveio na trama que recorda (o que, em certa medida, compromete a verosimilhança de anedota e, até, a sua existência ou passagem ali), pouco nos parece importado no seu desenlace posterior. Pelo contrário. Propositadamente ou não, acentua o seu distanciamento, em termos que não deixam dúvidas. Logo na parágrafo inicial: «Cá estou. Precisamente no mesmo quarto onde, faz hoje um ano, me instalei na minha primeira visita à aldeia e onde, com divertimento e curiosidade, fui anotando as minhas conversas com Tomás Manuel da Palma Bravo, o Engenheiro.» E mais adiante: «Sou um visitante de pé (e em corpo inteiro, como numa fotografia de álbum).» E ainda: «Sôzinho no meu posto sobre a aldeia, sinto-me como um observador de gabinete que reconstitui um condado desaparecido.» Finalmente: «Sentado à beira da cama, o caçador em vésperas de expedição contempla vagamente a braseira que a dona da casa mandou pôr no quarto. Pensa em tudo e em coisa nenhuma... e com isto tem a consciência de estar a adiar o sono.» Em suma: um Autor em visita, tal-e-qual lapidarmente expresso (pág. 363) (2).

Em caricatura, podíamos afirmar que o problema do romance é uma má insónia e esta se resolve em «chocar recordações em cima de um travesseiro (o que) não aproveita seja a quem for e torna-se mais ridículo do que um alça-cu a brincar às amas-secas. Absolutamente». Usando de caricatura, apenas. Porque a **insónia** é um pretexto estilístico para o tom familiar, cativante, desenfadado, coloquial ali adoptado de reminiscência Garretiana (note-se: nada fácil de conseguir, de manter em mais de 300 páginas de texto) e para a montagem da efabulação, em plano temporais alternados, flutuação cronológica não por pretensiosismo de escrita vanguardista mas derivando, inerente, à «qualidade» (nebulosa; digamos: em estado de vigília) do próprio recordar. Lamentemos que Cardoso Pires não tivesse querido explorar mais além todas as virtuais, imensas possibilidades de tal «qualidade» para alguns (pelo menos) curtos trechos oníricos. A descrição dessa **insónia**, corpo do romance, melhor definindo: o monólogo interior que ela é, revela-se rigorosa, premeditada, sistemática em demasia, pois nada ali é deixado ao acaso; chega até nós **menos insónia**, sem as naturais intermitências de sono e sonho.

Convivemos com o Autor, somos tratados por tu, por irmãos, mas pouco ficamos a saber a seu respeito. É um senhor escritor. E português. E caçador. E turista de almas alheias e lagoas com patos. Se lhe ouvimos, como escritor, algumas fra-

ses sinceras, límpidas, comoventes e exactas («Nenhum escritor gosta de complicar seja o que for, e ainda menos de simplificar. A certeza do golpe está nesse rigor. E o seu martírio»), outras há., como certas chouchadas a fingir de ironia cortantes, de blagues sem alvo, tal o **poema-galáxia** (?) da pág. 225, que não abonam o seu lado crítico (invocado repentinamente) e tornam ridícula a subentendida sobreposição de J. C. P. com o Autor (personagem) de **O DELFIM**. Sublinho: é cruel supor tais ditos a sério na boca de Cardoso Pires. Ouvimo-lo depois (ao personagem do romance, distingo) disreterear, ex cátedra, sobre a psicologia dos barmen de Entre-Chiado-e-Cais do Sodré, esses comandantes do prazer... e com paciência (ou irrequieta irritação?) nos perguntamos a que vem aquilo ali a-propósito. Para encher? «...Porque, irmãos, é mais fácil passar um camelo pelo buraco duma agulha do que fazer entrar o bebedor no reino privado dos barmen. Aprendam isso com eles. E fixem que há mil bebidas e um número restrito de bêbedos — de tipos de bêbedos, não sei se me faço entender.» Para encher?

A CARTILHA EXEMPLIFICADA

Desiludidos de encontrar o José Cardoso Pires que conhecemos e amamos nas páginas do seu último romance, voltamos para as figuras que inventou. Uma constatação óbvia, imediata: os tipos populares — pequena burguesia, baixo proletariado — são descritos com a garra habitual, desapejada e directa, colhidos de improviso nas suas reacções e falas, sem o mínimo toque de lamechice sentimentalona, peculiar aos piores exemplos do ultrapasado (-íssimo!) neo-realismo de antanho (1940, parece que foi ontem... tanta lástima parecida ainda se conserva, esta cionária e firme). Dados na virulência de miséria e dos interesses mesquinhos que os corrompem, os subhumanizam, no-los tornam quase odientos. É esta uma característica da ficção de J.C.P. e louvável quando traduz uma perspectiva do real sem as lentes cor-de-rosa da maioria dos neo-realistas, preconceituosos de classe dou-rando de virtudes encomendadas a gentilha do povo para obterem efeitos de contraste. São **O DELFIM** as personagens secundárias, arraia-miúda da Gafeira — uma estafajadeira de caçadores, o Velho-dum-Só Dente, viúvas-de-vivos —, que nos impressionam mais, como na ceia do Natal patriarcalmente reunindo senhores e servos: «na casa do lagar, a mesa armada com uma dúzia de convivas à volta. Três são camponeses-operários e respectivas mulheres, o resto é velharia — uns surdos outros coxos, outros a pingar do nariz. Para completar, crianças agarradas às saias das mães. Tomás Manuel em pessoa serve os visitantes; insiste nos doces, no espumoso, oferece charutos. Maria das Mercês

distribui prendas de tricot. O quase esquecido cântico dos querubins começa a tremular sobre a lagoa. Diante daquela jangada de corrida e de velas a cintilar. Tomás Manuel guarda silêncio. É o bom anfitrião imóvel no auge do festim.»

Outra constatação: protagonistas — o eterno triângulo amoroso — e anedota (que negligenciamos resumir ou analisar aqui, preferindo determo-nos sobre as suas motivações) estão concertadas para servirem, ao gosto fabular, uma moralidade. O qual J.C.P. compendiou anos atrás e tem vindo a desenvolver nas sucessivas edições da **Cartilha do Marialva** (3). Não nos repugne tal ideia: trata-se, n' **O DELFIM**, de literatura programática. Com esta singularidade: o Autor, que partiu de experiências pessoais e de observações epocais (nossas) e de elementos da mentalidade (marialvista) nossa, colhidos em vários escritores, para as teses da **Cartilha**, serve-nos agora uma historieta exemplar, cuja autonomia e verosimilhança não nos interessa contestar (embora a tarefa esteja ao alcance do seu mais ingénuo leitor), cozinhada, com dose de condimentos **quantum satis**, pelo receituário dessa **Cartilha**, sua descoberta muito acarinhada. Os limites d' **O DELFIM** estão, pois, e já naquela. Poderá observar-se que toda a literatura programática procede ou se instala (inscreve) num quadro de propósitos ideológicos (ou pragmáticos) que lhe é anterior (e exterior, al'dela!, não quantas vezes... é a sua condenação, a sua torpeza). Com este romance de J. C. P. tal quadro é criação pessoal, está assinado por ele e confirmado. Onde, nos parece que uma qualquer crítica a' **O DELFIM** tenha de iniciar-se por uma revisão crítica da «**Cartilha do Marialva**», o que, de longe, ultrapassa o objectivo da presente nótula. Alvitramos, todavia, dois pontos ou hipóteses de trabalho (crítico):

— convirá distinguir, na **Cartilha**, os conceitos e cogitações, paralelos, confrontos, atribuíveis (tudo leva a crer) a José Cardoso Pires daqueles outros, fulcro dinâmico dela, que bebeu algures. Principalmente, os decalcados (ou glosados) em Roger Vailland, logo no prefácio (de J.C. P. à tradução portuguesa de «**Drob de Jeu**» (4), texto que reaparece, modificado, na **Cartilha**. Outrossim, carecemos ainda de estudo global feito a esta, já que os críticos, mesmo os mais exigentes, mesmo os de índole sociológica, adoptarem perante ela uma atitude de franca aprovação e risonha benevolência passadislates, situando-se, com cautela e desembaraço, no limiar das suas teses determinantes e suas consequências ou iluminando, colhendo dali apenas o que lhes quadra, no imediato. **Marialva** e **marialvismo**, **libertino** e **libertinagem**, seus exemplos humanos

(nossos e alheios) e literários misturam-se numa salgalhada que só o muito talento do Autor, a sua habilidade de montagem, leveza do estilo e poder imaginativo, aliado a dotes de observador agudo, conseguem transformar num livro de inegável sedução.

— quer na **Cartilha**, quer no seu dilatado prefácio a «**Histórias de Amor**» (5) ou numa sua longínqua colaboração «teórica» em «**Vértice**», Cardoso Pires manifesta clara inaptidão para o esforço ensaístico. Talvez por carência de adesão íntima ou seriedade mental, talvez por superabundância de fulgor inventivo, o seu lado crítico claudica tanto quanto uma vasta informação e presumível tendência para se manter **up to date**, na crista da vaga, emprestam ao que escreve um fascínio de serpente. Mas não há habilidades estilísticas, por mais refinadas, não há virtudes de prosador que superem as deficiências (ou leviandades) de uma atitude intelectual viciosa. Alguém terá um dia que lhe dizer isto e provar-lho, preto no branco. É pena mas é assim.

N' **O DELFIM** os elementos do triângulo amoroso — Tomás Manuel, Maria das Mercês, Domingos (não por acaso, decerto, mas talvez escusadamente mestiço e maneta) desempenham a contento seus papéis decididos muito antes na **Cartilha do Marialva**. A consabida carreira de libertino (the rake's progress), decaindo na loucura ou no presídio, foi escamoteada. Assistimos, sim, a uma espécie de martírio do marialva (oposto vital daquele). Mas o alcance polémico do texto, seu mérito como crítica social ou profecia dos estereótipos de certos estratos sociais, foi diminuída. Com efeito, a figura do Engenheiro (o marialva típico) nunca resulta caricata. É aquela que mais se aproxima do leitor, que mais cuidados parece ter merecido a Cardoso Pires. Diríamos, aqui e ali, que o Autor (sem bem a consciência disso) se identifica com ela... pelo menos no-la consegue transmitir com um sopro, um calor de humanidade que as outras (pobres títeres!) estão longe de possuir.

Uma derradeira reticência: como Mário Dionísio perspicazmente detectou, o rendilhado labor estilístico de J.C.P. atinge neste livro altitude inigualada. **Mas sente-se muito isso**. Quando um prosador (consumado; é o caso) comete o gravíssimo erro de não nos deixar esquecer, pelo contrário: permanentemente desdobrar diante de nossos olhos o seu virtuosismo, pisando-nos os olhos com ele, faz-nos criar a suspeita que essa sua constante preocupação oculta algo. Por exemplo: **nada**. Dito por outras palavras: que é uma preocupação pura, que só visa babar prosa em seu casulo fechada. E então, oh diacho!

ei-lo que emparceira com Júlios Dantas, Augustos de Castro e outros literatos menores, sem esquecer os das estátuas... Bem, e depois?

Depois... todo um processo a rever. A refazer, a acertar. Tarefa não isenta de dificuldades, escolhos, ratoeiras. Mas que sabemos José Cardoso Pires capaz de levar a cabo. Perfeitamente. Ou então, e olhando em redor, a quem havíamos de acreditar? Apostamos nele.

(1) **Morais** editores, 1968.
(2) **ibidem**, págs. 9, 10, 56, 245. Sublinhados nossos.
(3) Editora Ulisseia, 3.ª edição.
(4) «**Cabra-Cega**», título da edição portuguesa, Ulisseia, 2.ª ed.
(5) Coleção das 3 abelhas. Fora do mercado, felizmente para J.C.P....

cinema

POR JOÃO FERNANDES

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
no Tivoli

Aldrich — a quem ninguém recusa uma certa capacidade formal — confirma aqui perfeitamente que o seu célebre e pseudamente contra a guerra «ataque» era um claro convite à violência e ao mito dos heróis.

Desta vez, já não vestindo a pele de santo, as coisas são postas a claro. E bem, acrescente-se. Com todas as condições para fazer vibrar a plateia e a bilheteira. Um êxito dos antigos.

UM HOMEM PARA A ETERNIDADE
no Aviz

Vestindo-lhe roupagens de grande dignidade Zennimann pôs na tela uma peça correcta e ambiciosa na qual (aparentemente) é a figura de Thomas More quem está em causa.

Um filme a que o Cinema pode pôr reservas mas que o espectador tem que aplaudir. Até porque no Cinema há lugar para filmes como este.